



Há vida debaixo do SARS-CoV-2

Rui Patrício

Puxemos um pouco a manta, olhemos para debaixo, há lá vida, há lá temas importantes, há coisas a acontecer

Longe de mim querer negar a eminência da crise (ou das crises) gerada pelo maldito vírus. Faço-lhe a maior das vénias, à reverendíssima criatura – e também às criações a respeito e por causa dela. Longe de mim também desvalorizar o que isto tem aproveitado a outras reflexões, a pensamentos maiores, a temas nobres e até de civilização. É verdade que, aqui e ali, algo se escreveu e disse, e escreve e diz, sobre tudo isso – ou muito disso, pelo menos. Todavia – oh, “todavia”, essa torta espinha dorsal da natureza humana –, temo que não seja suficiente, e temo, sobretudo, que não seja suficientemente visto, retido, valorizado, sob o esmagamento da *overdose* noticiosa e opinativa (*mea culpa* também, culpa de todos) sobre os temas purpurados do momento, suas excelências o vírus e o seu estrondoso magistério. Metem respeito, geram deferência, dominam tudo, como se nada mais houvesse. Mas há, e já nem digo que há vida para além do vírus, embora haja; o que digo é mais simples, é menos ambicioso, é mais iminente – é que continua a haver vida sob o vírus.

E onde está ela? Onde a podemos encontrar? Bem e cabalmente noticiada, pensada, refletida, gerida, preparada, acautelada? E onde, mais ainda, de modo suficientemente audível, para que os recetores, todos nós, possamos saber, pensar, agir? E viver, já agora, ainda que dentro das “cercas” do possível. Popper escreveu *A Sociedade Aberta e os Seus Inimigos*, principalmente contra a deferência, a deferência para com os “grandes homens”, para com o historicismo, para com a dominância monocromática do pensamento, que conduz quase sempre, ou abre caminho, à tentação ou à realidade totalitária. E escreveu também, em certa medida – relembre-se, já agora –, alertando para a contaminação excessiva entre os planos da Ciência e da Política.

Eu, passe a ousadia, revisito Popper a respeito da deferência para com os “temas únicos” ou “muito dominantes”; neste tempo, contra a monocromática inundação “covidiana”. Tudo o mais parece, muitas vezes, esquecido, colocado em suspenso, abafado ou mesmo enterrado sob uma repetição *ad nauseam* do mesmo, e do mesmo, e do mesmo. Não nego a importância



MANUEL ROBERTO

do tema, mas, caramba, não é preciso, e nem é nada saudável, estar sempre a bater na mesma tecla. Há mais, e também é preciso evidenciar isso, mesmo que o *pathos* viral e crítico seduza tanto e se imponha tanto, por boas mas também por menos boas razões.

Vivemos numa sociedade aberta, mas ela também se fecha, e pode pôr-se, mesmo que com passinhos de lá, a caminho do fechamento, se não nos batermos pelo

“**Revisito Popper a respeito da deferência para com os ‘temas únicos’ ou ‘muito dominantes’; neste tempo, contra a monocromática inundação ‘covidiana’**”



da abertura que tanto trabalho deu a conquistar. Ouvindo ou lendo quase só e sempre o mesmo, podemos começar a pensar sempre e só o/e no mesmo. E essa “monotonia tonal” abre espaço a que possamos ser cada vez mais permissivos, ou até simpáticos, com “certas e determinadas coisas”. É olhar para a História. Digo eu.

Advogado